

# SCÉNARIO DU FILM "PASSION" / 1982

um filme de Jean-Luc Godard

**Realização e Argumento:** Jean-Luc Godard / **Colaboração:** Jean-Bernard Menoud, Anne-Marie Miéville, Pierre Binggelli, Studio Transvideo / **Com:** Jean-Luc Godard e os actores de **Passion**.

**Produção:** JLG Films - Télévision Suisse Romande / **Cópia:** Betacam SP, colorida, falada em francês e legendagem electrónica em português, 54 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

**Aviso:** A cópia deste filme, em suporte Betacam SP, não se encontra nas melhores condições.

---

Não é novidade nenhuma para ninguém: de todos os realizadores de cinema que foram contemporâneos da chegada da tecnologia vídeo nenhum a adoptou tão depressa e com tanta pertinência como Jean-Luc Godard. Mais do que isso, nenhum, como ele, soube tão rapidamente encontrar um sentido próprio e muito especial para a sua utilização, bem como um entendimento da imagem electrónica que vai muito para além da oposição "cinema/vídeo", e por conseguinte da visão do vídeo como "inimigo" do cinema. Para Godard (como a sua produção dos últimos trinta anos abundantemente mostra) o vídeo é, ou pode ser, um "aliado" do cinema, pode funcionar como alguma coisa que serve para "olhar", para "ajudar a ver" o cinema. Em que formato realizou Godard as suas **Histoire(s) du Cinéma**? Em vídeo, claro; e em vídeo concebeu este **Scénario du Film "Passion"**, que mais não é do que (ou é muito mais, mas também é) uma forma de olhar para um filme - o seu filme anterior, **Passion**.

Não exactamente para o filme, se formos rigorosos, mas para o seu argumento, e para a forma como o argumento originou, se transformou ou deu lugar (escolha-se a expressão preferida) ao filme. **Scénario du Film "Passion"** é como uma pequena aula de Godard, que sozinho perante um ecrã e uma aparelhagem vídeo fala, divaga, explica, demonstra, exemplifica, ilustra. Num certo sentido, não tão anedótico quanto isso, **Scénario...** podia ser uma introdução a um curso vídeo de "Godard sem Mestre", onde se aprendesse a fazer "filmes de Godard". Os momentos em que o cineasta se debruça sobre o início da transformação do argumento no filme ("tornar visível aquilo que é invisível" ou "tomar possível aquilo que é provável") correspondem a qualquer coisa que se podia chamar "demiurgia pedagógica": Godard, vulto negro recortado no ecrã branco (justíssimo equivalente da tela em branco ou da página em branco), evoca uma "única ideia" (a rapariga com o ramo de flores), fá-la aparecer no ecrã, adiciona-lhe o movimento - e nessa altura apercebemos Godard como um feiticeiro semi-divino, a criar precisamente um "movimento" imparável (a origem da vida, ou a origem do filme) cujo impulso gera, ou é, o filme, como se se tratasse (e a referência a conotações divinas agora é do próprio

Godard) de criar "a possibilidade de um mundo". Não é preciso ser-se um entusiasta de Godard (ou se calhar é, mas não conseguimos estar na cabeça de um não-entusiasta) para que se receba os primeiros quinze minutos de **Scénario...** com a sensação de que se está a participar em algo que está entre a magia branca e a experiência religiosa.

Depois a coisa complica-se - é quando surge o "trabalho", que é preciso para manter o movimento. O trabalho, seja o trabalho do cinema ou o trabalho do amor (em Godard equivalências simétricas), e o trabalho como tema de **Scénario...** Mais uma vez, trata-se de "tomar visível o invisível", e justamente o argumento é, no cinema, a mais invisível marca do trabalho. **Scénario...** não é uma "explicação", muito menos uma "descodificação", de **Passion**, é outro filme e outro trabalho, outra criação e outro movimento, mesmo que esse movimento seja contíguo. Talvez por isso, quando chega, em **Scénario...**, um plano de um avião a levantar voo debaixo de um céu cheio de nuvens, o espectador perceba instintivamente que este é o último plano deste filme. Porque o plano seguinte só pode ser o primeiro plano de **Passion**.

Luís Miguel Oliveira